

EDUCADORES DE MULHERES: AS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO: SERVAS DE POBRES E DOENTES, ESPIRITUAIS, PROFESSORAS.*

ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES**

RESUMO

Pensar nas instâncias educativas da formação da professora significa nelas incluir a instância discursiva. Nosso texto pretende mostrar o forte caráter religioso facilmente detectável no discurso pedagógico, ainda hoje, suas origens e seu "deslizamento" histórico. Esse discurso pedagógico contemporâneo, que traz uma marca aparentemente leiga e pública, tem, pois, um compromisso com o religioso (católico) e com o privado que se expressa na palavra (no significante), mas que tem desdobramentos numa prática que busca modelos aprisionadores, redentora, salvadora e sobretudo missionária.

DESCRITORES: discurso pedagógico, caráter religioso, práticas missionárias em educação, mulher.

ABSTRACT

Among the teacher's formative elements this article emphasizes that of discourse. It intends to disclose the strong religious character of the pedagogical discourse - still easily detected today - its origins and its historical evolution. The contemporary pedagogic discourse in spite of its obvious public and lay features, is compromised with both the religious (Catholic) and private segments which are expressed through the words it uses (the significant). Such pedagogic discourse encompasses a redemptious salvationist and missionary practice which brings manipulative models to education.

DESCRIBERS: pedagogical discourse - religious meaning historical evolution - missionary practices in education - women.

* "Da Sagrada Missão Pedagógica" foi o título que escolhi para nomear a Tese submetida ao concurso para professor Titular da UFMG, em junho de 1991. A Tese pretendeu mostrar a presença/persistência no campo laico do discurso pedagógico produzido no campo do religioso. O texto que ora apresento, parte da Tese, pretende dar conta de mostrar a origem religiosa do discurso pedagógico, e privilegia a Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo por ter sido essa a primeira congregação feminina a vir ensinar - missão - em Minas Gerais, como já mostrei em artigo publicado em Educação em Revista n. 5, 1987, p.

** Prof. da Faculdade de Educação da UFMG



"Trabalhos Manuais"

A Contra Reforma e a educação

Século XVII. A França é palco privilegiado de questões que atravessam toda a Europa. A Reforma trouxera, com Lutero e Calvino, a palavra nova. Os protestantes pretendiam um cristianismo mais interiorizado, mais pessoal e restaurador dos traços mais autênticos do cristianismo primitivo. Segundo Natalie DAVIS (1990), na época que antecedeu a Reforma havia uma situação de distanciamento entre os praticantes e a própria religião. As mulheres urbanas estavam distantes dos padres, ou mesmo em tensão com eles, devido à sua curiosidade teológica.

"... o movimento protestante lhes ofereceu uma nova opção: as relações com a ordem clerical podiam ser rompidas, e as mulheres, como os seus maridos (de fato com seus maridos) podiam alinhar-se no trabalho puro e sério de ler e discutir as Escrituras."

A Igreja Católica teve, pois, de lutar para preservar seu lugar. O Concílio de Trento¹ foi o ponto de onde foi emitida a possível e buscada convergência. Talvez em nenhum outro momento a idéia de que catolicismo significa, etimologicamente, universal, tenha estado tão presente. O esforço para integrar o cristianismo na vida cotidiana, ao vivido e, por outro lado, para submetê-lo à disciplina e autoridade da Igreja, foi grande e bem sucedido. Nada disso, no entanto, impedia que se reavivassem antigas doutrinas dos Padres da Igreja (de Santo Agostinho) confrontando-as com as da recente Idade Média (Santo Tomás) e com aquelas que poderiam enfrentar a nova situação do homem no mundo, diante do desafio do Humanismo difundido pela Renascença. Homens - e mulheres - exercem liderança de trabalhos intelectuais de criação e recriação de doutrinas e interpretações. O

¹ O Concílio foi convocado em 1542 e instalado na cidade de Trento em 1545. Foi encerrado em 1563.

século XVI já assistira e engendrara a criação da Ordem das Ursulinas, na Itália. À frente dessa criação uma mulher, Angela de Mérici, mas também a Companhia del Divino Amore, uma secreta associação de homens e mulheres, mais tarde santos e santas.

Segundo Teresa LEDÓCHOWSKA (1972) "as virtudes mais sublimes e mais heróicas floresciam à sombra misteriosa de um segredo jurado e ciumentamente guardado, sob a influência benévola e animadora de mulheres que assumiam uma espécie de maternidade espiritual, surpreendente e refinada".

Angela de Merici concebeu, à revelia da concepção de vida religiosa feminina do século XVI, a idéia de que, mais importante do que a clausura, é o apostolado, a modificação da mentalidade religiosa, um tanto deturpada, a ser feita por suas virgens consagradas. Aos poucos, e segundo a disseminação geográfica da Companhia, as Casas das Ursulinas foram se transformando em casas de educação.

"Foi sobretudo na França que todas as Ursulinas, de congregação ou enclausuradas, se propuseram desde o início, como fim particular e específico, o ensino e a educação da juventude de seu sexo, assim como a formação de suas alunas para a vida cristã e devota; para atingirem este objetivo abriram escolas populares e se engajaram a ensinar gratuitamente às meninas a ler, escrever e se exercitar nos trabalhos próprios às mulheres..."

No século XVII, Mme Acarie, La Belle Acarie, François de Sales, Bérulle, Pascal, Bossuet, Fénelon, Marillac, Vicent de Paul reunem-se e discutem idéias e posições.

O jansenismo, enquanto doutrina e as consequências que pode trazer para a prática da vida religiosa, ocupa o centro das discussões. A uma concepção mística do mundo e do catolicismo, que tem no amor e na caridade a mola impulsional, opõe uma interpretação pessimista. Calvet assim resume:

O homem é uma doença; incapaz de todo bem, sem a graça lhe é particularmente impossível viver o ideal cristão em um mundo descristianizado. A vocação essencial do cristão é a de deixar o mundo (...) uma vez separado do mundo, atento unicamente à tarefa de sua salvação, numa solidão onde os interesses temporais não o solicitam mais, ele poderá, no temor do Senhor, abandonar sua alma por inteiro ao trabalho da graça.

A idéia de predestinação irreversível, contida nessa concepção, também teve como efeito reforçar sua idéia con-

trária, a do prazer como móvel da vida humana, tal como a defendiam os libertinos.

"Os cortesões e os mundanos estão transtornados desde estas proposições da graça dizendo a todo momento "Ora! Que importa como a gente faz; se tivermos a graça, seremos salvos, se não a tivermos estaremos perdidos. E depois concluem afirmando: Tudo isso não passa de ninharia... Anteriormente a essas questões, quando a Páscoa chegava, ficavam espantados como fundidores de sinos, não sabendo onde se esconder e tendo grandes escrúpulos presentemente ficam alegres e não pensam mais em confessar-se, dizendo: O que está escrito está escrito. Eis o que os jansenistas realizaram com respeito aos mundanos". (Mme de Choisy)

Vozes pós-tridentinas marcam também a criação das práticas de piedade coletiva. É preciso reformar o mundo. A assistência obrigatória à missa, aos domingos e dias de festas, caracteriza por excelência o pertencer à Igreja Romana. Inicialmente a missa é uma solenidade individual, horas a serem preenchidas com o debulhar dos terços e orações individuais, mas que vai aos poucos se coletivizando. As orações, com as quais se inicia o ofício, são declamadas em comum por todas as pessoas presentes: pelos mortos, pelo Papa, pelo Rei, e o senhor do lugar, em seguida o Padre Nosso, a Ave Maria, o Credo, os mandamentos de Deus e da Igreja e as instruções. Os catecismos preparavam os fiéis para uma crescente adesão à doutrina, à necessária reforma dos costumes e mentalidades e à liturgia, que aos poucos vai sendo modificada; os missais, com texto em latim e em francês, facilitavam a participação dos fiéis.

Catecismo, catequese, catequizar são palavras que se originam do latim eclesiástico e mais anteriormente do grego

e significam fazer espalhar a novidade, ensinar a Palavra. Muitas vezes o catecismo veio associado ao Abecedário, no mesmo livro, um se utilizando do outro. No século XV, no período precedente ao Concílio de Trento, é Gerson quem vai inaugurar o ABC ou o alfabeto como introdução à iniciação cristã. Sua influência vai ser enorme durante todo o século XVI. Mais de cinquenta Concílios Provinciais o citam:

Os curas explicarão ao povo no domingo os mandamentos de Deus e da Igreja... ou os intruirão sobre os vícios e as virtudes ou lerão a tradução francesa do livro tripartite de Gerson"

As Reformas haviam apontado outras necessidades e inauguraram, com Lutero, a época dos catecismos modernos. O grande Catecismo será composto de 140 pequenas páginas e o pequeno na forma de perguntas-respostas, escrito para as crianças. A mais significativa resposta aos catecismos protestantes veio trazida por Canisius. Todo o sentido da catequese de Canisius será justamente a edificação, a educação do homem cristão, a educação de uma vida de homem sob olhar de Deus. Tal a solidez de suas doutrinas, que foi adotado pelos colégios jesuítas e a decisão de não adotá-lo como Catecismo oficial pelo concílio de Trento deveu-se, apenas, ao fato de que já havia decisão de se elaborar um. Em 1566 é promulgado o Catecismo para os pastores segundo os decretos do Concílio de Trento ou Catecismo Romano, para guiar os padres de uma maneira segura - no meio de tantas doutrinas e decretos - em suas prédicas, sua catequese, seu trabalho pastoral.

O chamado "bispo do Concílio de Trento", Carlos Borromeu¹⁰, vai desempenhar decisivo papel, inclusive fora de sua diocese, na construção dessa maneira nova de praticar o catolicismo. Sua correspondência, suas Instruções aos Confessores e sobretudo as Atas da Igreja de Milão são difundidas, recopiadas e levadas para todo lugar; todos os livros de catecismo do século XVII referir-se-ão aos seus regulamentos. Mais do que um doutrinário, será o modelo para pastores, fundadores de Congregações e ordens regiliosas, criando mesmo uma linha de trabalho para outros bispos, dentre os quais se distingue (São) Francisco de Sales.

Na França - seu momento de apogeu será entre 1620-1740 - todo um entusiasmo pela vida mística e profunda resultará em inúmeras iniciativas apostólicas. É em meio a esse movimento que o catecismo toma corpo, e se organiza em sua forma clássica: instituição, manual para todos - crianças e ignorantes - os que não sabem. "O povo pobre se perde porque não sabe o que é necessário à salvação". Esta convicção, este grito de alarme de Vincent de Paul, está na origem de todas as suas realizações. É preciso ensinar verdades necessárias à salvação, mistérios necessários à salvação. Nessa campanha irão empenhar-se Charles Démia,¹¹ Adrien

9 Jean Charlier Gerson (1363-1429) Teólogo francês, chanceler da Universidade de Paris, e cônego de Notre Dame. Desempenhou importante papel nos concílios de Pisa e de Constança onde foram depostos os dois papas do Cisma do ocidente e eleito um novo.

10 Carlos Borromeu (Sto) (1538-1584). Bispo italiano, trabalhou tenazmente pela Contra-Reforma e aplicou as decisões do Concílio de Trento à sua diocese. Fundador da congregação dos Oblatos, padres seculares que se dispunham a ajudá-lo na sua obra de reforma da igreja.

11 Charles Démia, padre lionês que viveu na segunda metade do século XXVII e se dedicou à educação das crianças pobres. Fundou a congregação dos irmãos de Saint Charles. Além das escolas de caridade criou escolas de trabalho e aprendizagem, um seminário para formar mestres capazes e uma associação de mulheres piedosas para que a educação das meninas não fosse negligenciada.

Bourdoise, Jean-Jacques Olier, Jean Eudes, Jules Maunoir⁵. É absolutamente necessário advertir os pastores de sua obrigação de ensinar o catecismo; é preciso também torná-los capazes, dando-lhes o exemplo, ensinando-os, colocando em suas mãos o manual que os guiará. O catecismo recomendado por Louise de Marillac, por indicação de Vicent de Paul, será o de Bellarmino⁶: "Não há melhor catecismo, Mademoiselle que o de Bellarmino; e quando nossas irmãs o souberem, elas ensinarão aquilo que deve ser ensinado".

Catequisar, ensinar. Duas palavras que por muito tempo: não se separarão.

Mais tarde, concluído o trabalho do Concílio, ficava aberta a questão de como realizar na vida concreta, material, cotidiana, todos seus desígnios. Disso dependeria o sucesso ou o fracasso dessa Reforma. Uma outra a obrigação essencial do católico será a confissão e comunhão ao menos uma vez por ano, na época da Páscoa (daí a observação de Mme do Choisy, citada acima). Nos catecismos é acentuada a importância e ensinada a realização do exame de consciência, para o que existem os diretores de consciência e conselheiros espirituais, que preparam para a confissão e para a comunhão, e que têm o direito de se introduzir na vida dos católicos, mas sobretudo das católicas, dando conselhos e encorajando na busca da perfeição religiosa, que é única forma possível de ser Homem. A comunhão freqüente, em uma missa da Paróquia ou da comunidade religiosa, e a confissão, da qual ela é condição quase necessária, tendem assim a tornar-se as principais manifestações da devoção pessoal. A primeira comunhão só tomará importância como um rito de passagem no século XIX.



Aula em escola confessional

5 Esses homens faziam parte do chamado grupo das terças feiras que se reuniam para estudos aprofundados de teologia em Saint-Lazare, com Vincent de Paul.

6 Roberto Bellarmino (Sto) (1542-1621) Teólogo italiano, doutor da igreja. Entrou para a Companhia de Jesus onde trabalhou as teses da Contra Reforma contestando os protestantes.

7 Fronde, nome dado às perturbações políticas que agitaram a França durante a minoridade de Luiz XIV, contra o governo Mazarin (1648-1653).

Como sacramento, o casamento vai significar tanto o compromisso entre esposos diante de um sacerdote que os abençoa, quanto um compromisso deles de não afastarem sua união do seu primeiro e mais importante objetivo que é a procriação. Esse compromisso visa colocar no mundo crianças que serão os filhos de Deus, assim que batizadas. Os últimos sacramentos são, também eles, gestos de dupla significação, pois que de decisão individual se inserem em um contexto coletivo. O recebimento dos sacramentos de penitência, de eucaristia e da extrema unção têm por objetivo ajudar o moribundo a ter uma boa morte. Ter um padre junto ao leito de morte é uma necessidade; não tê-lo pode significar a pior das desventuras.

Ao lado dessas práticas obrigatórias, existe um certo número de práticas de devoção como as congregações, as peregrinações, as missões e obras de caridade, que são coletivas, e de uma maneira geral o chamado à participação é muito forte. Das primeiras são exemplos as congregações marianas, criadas pelos jesuitas no interior de seus colégios. Ao lado dos homens, os jovens; ao lado dos artesãos, os mercadores, burgueses e algumas vezes nobres e clérigos. Esses "sodales", como por vezes os chamam, recebem instruções adaptadas a seu estágio. São-lhes ensinados hábitos de piedade, mas também regras de vida que os marcam visivelmente e que eles transmitem aos que lhes estão próximos (Chatellier,⁷ 1987)

As missões têm por objetivo renovar o espírito do cristianismo entre os cristãos. Para conseguir isso, os missionários-capuchinhos, lazaristas, jesuitas, por ex. organizam cada missão como um drama, no qual eles garantem o mise en scene e os habitantes daquela paróquia e de outras vizinhas serão, ao mesmo tempo, atores e espectadores. Uma missão dura oito dias, quinze ou mais até que estejam todos bem instruídos e em estado de perfeição para a confissão. Os sermões feitos aos diferentes grupos da população (crianças, mulheres, moças, homens e meninos, trabalhadores, domésticos, etc) se sucedem segundo horários mais convenientes e textos cuidadosamente preparados. O objetivo é menos convencer, que impressionar e emocionar a fim de obter a conversão, além da confissão geral, comunhão, oferendas, ingressos em obras pias etc. No século XVII o grande criador de novas regras e modos de fazer as missões foi Vincent de Paul. Sua criação, a própria Congregação das Missões leva no nome seu principal objetivo e a garantia de homogeneidade no trabalho será garantida, mais uma vez, pela difusão e uso dos manuais que ensinam. O bom catequista é aquele que não perde ocasião de falar familiarmente dos mistérios de Deus àqueles que os ignoram.

Entre esses bons devem figurar os professores e professoras das escolas já existentes e também de escolas de caridade, freqüentemente criadas por oca-

sião de uma missão e às quais Vincent de Paul envia, ou sugere o envio, das Filhas da Caridade. É nesse ponto de origem, nesse tempo, que se cruzam - talvez pela primeira vez, mas para durar - abnegação, amor, caridade, devoção, ensino, mãos espirituais, maneiras de ensinar, missão, missionários.

Qualidades e Virtudes

As obras piedosas são consideradas como um dos melhores testemunhos de doação e de amor ao próximo e eram praticadas, no século XVII, individualmente ou no seio de uma confraria ou congregação. Tradicionalmente as caridades são sete: dar de comer a quem tem fome e água a quem tem sede, abrigar os peregrinos, visitar os prisioneiros, visitar os doentes, vestir os que estão nus e preparar os mortos. Desde a Bíblia, desde os Evangelhos, desde a Idade Média, a Caridade esteve no centro das reflexões, meditações e práticas da Igreja Católica. A caridade, caritas, carus, como consta na noção geral e introdutória em Hélyot (1847) é um amor proveniente da vontade e acompanhado de uma grande estima pelo objeto amado⁸

Vários dos "grandes" desse século - mais tarde Santos - tiveram concepções diferentes da caridade. Nas suas palestras às Filhas da Caridade e aos Padres da Missão, Vincent de Paul expõe os motivos de amar a Deus. Entre eles, por ex., a vocação do missionário é de fazer amar a Deus. "O primeiro e o mais seguro meio de adquirir este amor, é de pedi-lo a Deus com grande desejo de consegui-lo". Para explicar como se deve amar a Deus, isto é, desejar a sua maior glória e honra, Vincent de Paul definia duas formas de amor: afetivo e efetivo, recorrendo para isso à inspiração de François de Sales em "Traité de l'amour de Dieu".

Em uma conferência que fez às Filhas da Caridade em 1653 assim se expressa:

"O espírito das Filhas da Caridade é o amor de Nosso Senhor... É preciso que saibam que ele opera de duas maneiras: uma afetiva e outra efetiva. Porque apenas o primeiro não basta, minhas irmãs, é preciso ter os dois. É preciso, do amor afetivo passar ao efetivo, que é o exercício das obras de caridade, o serviço dos pobres, levado com alegria, coragem, constância e amor."

8 Entrevista realizada em maio de 1988 com uma ex-aluna das vicentinas em Fortaleza. Essa frase fazia parte do contexto em que ela relatava sua trajetória escolar. Ela foi "ser Luiza" quando começou a acompanhar as irmãs e as alunas mais velhas no trabalho de caridade. Em outros colégios as alunas são chamadas de "húsinhas".

Ainda em Hélyot estão os sentimentos considerados pecados opostos à caridade contra Deus e contra o próximo. O ódio pelo outro agrega inúmeros outros pecados; não menos contrários ao ato interior da caridade fraterna ou à sua manifestação exterior. A inveja, a discórdia, a disputa, a divisão, a querela e a sedição.

Praticar a caridade, lutar contra os pecados. Homens e mulheres se empenham na sua própria salvação, para maior glória e honra de Deus. Paris é uma cidade onde há enorme quantidade de pobres e doentes; há miséria "par tout". Às calamidades naturais acrescentavam-se as políticas, guerras civis e religiosas. Durante a guerra da Fronde⁷ houve casos de atrocidades provocadas pela mais absoluta miséria e indignância, como o assassinato de crianças para que sua carne fosse comida. Nesse contexto, é "fácil" ser caridoso, é preciso ser caridoso. As damas da aristocracia se exercitam nisso. Por várias razões, que veremos adiante, a caridade é uma atividade sobretudo feminina ainda que dirigida por homens. As mulheres reúnem-se, visitam doentes em suas casas, nos hospitais; fundam pequenas confrarias para melhor organizar esse trabalho e chamam jovens camponesas para ajudar nos trabalhos pesados.

É desse movimento, nesse contexto, que vai surgir a Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Na sua criação, uma mulher, Louise de Marillac e um homem, Vincent de Paul.

"(...) a bondade de Deus foi tão grande que ela vos chamou a uma profissão na qual vós não tendes outra coisa a fazer. Se bem que vós sejais moças muito pobres e que por vós mesmas não tendes nenhum meio de fazer o bem, contudo vós o fazeis e podeis fazê-lo incomparavelmente mais que as maiores damas do mundo já que não é nada fazer o bem, ao preço de se dar a si mesmo e de empregar todos os momentos da sua vida, de expô-la mesmo ao perigo, pelo amor de Deus, servindo aos pobres."

Assim escreveu Louise de Marillac àquelas que eram suas irmãs na fraternidade da caridade.

Um modelo de mulher para mulheres: Louise de Marillac

É preciso fazer um certo percurso com a própria Louise ao longo de sua vida, para entendermos e chegarmos à formação da Companhia. Deixemos Vincent de Paul de lado; ela, a mulher que ela era, nos interessa mais. Louise foi um modelo de mulher? Parece que sim, pois três séculos depois, ouvi de uma ex-aluna de um Colégio dirigido pelas Filhas da Caridade no Brasil: "af... eu fui ser Luiza..."⁸ Uma brasileira - quantas mais? - trezentos anos depois, foi ser Louise de Marillac. Quem era ela? Que pensava da vida, da maternidade, de paixões e sentimentos?

Filha legalmente ilegítima de Louis de Marillac, Louise nasceu em 1591, em Ferrieres, França. A história dessa fase inicial de sua vida é cheia de lacunas, algumas claramente propositais, deixadas por seus biógrafos, outras devidas ao incêndio que teria queimado documentos nos quais seus traços estariam mais claros. A maneira como é chamada aqui, filha legalmente ilegítima, se deve à sua situação particular e ao lugar em que eram colocadas pessoas com essa situação na França do Antigo Regime. Situação de filha ilegítima: a sociedade fazia uma grande diferença entre a criança (filho ou filha) de pai desconhecido (sobretudo se a mãe a abandonou) e a criança nascida fora do casamento de uma mãe desconhecida e de pai que a reconheceu e educou. O primeiro é um "enfant trouvé" e permanecerá à margem da sociedade. O segundo é um "fils de son pere" privado dos direitos legais da família. Por ser Louise vítima dessa condição, seu pai atribuiu-lhe uma renda de "cent livres" (impossível saber o que isso representa, mesmo se é muito ou pouco) e lhe dá um campo no domínio de Ferrieres. Quando se casa pela segunda vez toma novas precauções em favor de Louise. Sucintamente: o seu pai não se casou com a sua mãe, (que talvez fosse uma criada "servante") casou-se com outra mulher - até com duas -, mas cuidou de alguma forma de sua educação. Louise estará para sempre - e isso fica claro nos seus textos - em busca dessa mãe. Por outro lado essa mãe "servante" vai reaparecer na maneira como as Filles de la Charité se chamam: "servantes des pauvres et malades".

Aos quatro anos é colocada no Monastre Royal St. Louis em Poissy, ao lado de uma tia-avó, Marillac, como tantos outros que vão aparecendo ao longo de sua vida. Essa religiosa do convento das dominicanas - mulher de "sagesse" e de grande devoção, que amava as belas artes, sabia o latim e o grego, e podia traduzir em francês elegante ou em verso o ofício da Virgem - teve grande influência sobre a menina, não só sobre sua trajetória intelectual (incomum entre as mulheres dessa época), como também no seu desejo de se tornar religiosa. Ela aprende o latim ("A Senhora compreende bem o latim, eu não vou traduzi-lo." escreveu-lhe um dia Vincent de Paul), faz leituras de romances fortes e poesias com seu pai, e aprende a pintar.

"Ela cita, ela mesma, Grenade, um moralista e teólogo espanhol, cujo Guia dos Pescadores conheceu um sucesso durável. Um mestre da meditação implacável, que a leva à consciência de si mesma, curva-a aos exames mais exaustivos e impõe as resoluções duras e sábias. Ele prega o amor, mas não o insinua. Outra é a linha de Imitação da Vida que

convida docemente a amar e ensina mesmo o vocabulário do amor. Que Louise lê Grenade e a Imitação nós o sabemos por ela mesma. É provável que ela leia também, embora não diga nada, A Pérola Evangélica de la Moniale Flammande, que Dom Beau-cousin traduziu e se difundia na sociedade devota". (Calvet, 1958)

Nessa fase de transição entre a infância e adolescência, pretextando a necessidade de que lidasse com os problemas próprios de sua classe social (sic), seu pai a retira desse Mosteiro e a coloca em um orfanato para meninas pobres - que deverão aprender a fazer todos os serviços domésticos - dirigido pela "Demoiselle Pauvre". Entre o conto de fada e a total obscuridade é essa fase - é como ler a história de Cinderela à espera de seu Príncipe encantado. Louise esperava, depois dessa fase, poder tomar votos, fazer-se religiosa, ser noiva de Jesus e havia feito sua opção pelas capuchinhas da rua St. Honoré. Ela escuta os pregadores jesuítas e capuchinhos. Ela reflete e medita. Ela confiará mais tarde à Marguerite Chétif que desde sua infância tinha o gosto e a facilidade para a meditação. Frequenta as casas religiosas que atraíam os fiéis pela novidade e por seu fervor. Os tempos são os da Contra Reforma: a Europa exala incenso... Mas P. Honoré de Champigny considerou que ela não tinha saúde suficiente, por isso seu projeto de se tornar religiosa não poderia ser realizado.⁹

A família, seu tutor, e seu tio, o "garde de sceaux" Michel de Marillac, reservam-lhe outro futuro: casar-se... com um simples mortal. Michel de Marillac deve ter tido, embora não fosse seu tutor, uma grande influência em Louise. Homem fortemente ligado à Igreja e também ao Reino, as qualidades que julgava mais importantes eram: humildade, confiança, conformidade à vontade divina. Seu lema era: "Prever para prover", repetido depois por Louise na organização da Companhia.

Assim, cabe a ela o destino de não cumprir os votos prometidos, mas casar-se. Ela se casa, com Antoine Les Gras, homem decente, crente a Deus, irrepreensível e caridoso, secretário de ordens de Marie de Médicis, a Rainha. Ela se casa. Como não? Igreja de Saint Gervais 5.2.1613. Desse casamento, interessante título lhe advém: Mademoiselle Le Gras. Não sendo senhora bastante para ser Madame, título reservado às legalmente nascidas e proprietárias, fica para sempre Mademoiselle. Vários homens vão decidindo assim a vida de Louise: seu pai, seu tio, Francois de Sales, Honoré de Champigny, Jean Camus, Vincent de Paul.

Marido, um filho, ela. A família Le Gras. Michel nasce, segundo minhas contas, com oito meses, em outubro 1613. Será sempre filho problemático e até no seu testamento Louise falará dos cuidados que ele ainda lhe causa. Tal como o

9 Essa razão vai ser desmentida ao longo de sua vida, como se verá.

ambiente à sua volta sugeria, entra para o seminário de St. Nicholas du Chardonnet, com 15 anos. Aos seus dez anos, Vincent de Paul fala nele sendo mole, preguiçoso, de vontade indecisa e inteligência medíocre. Não entro aqui em empatia com ele, embora valesse a pena. Fico com a mãe; já é bastante.

Mesmo com um marido de qualidades...ou fosse lá o que fosse, Louise não parece estar à vontade nesse casamento. Em 1622 Antoine fica doente, acometido de um mal que parecia incurável. Louise toma isso como um castigo à sua traição aos votos que deveria ter feito. É mais um foco de culpabilização, de auto-punição e de subestima.

"Muito santa virgem, mãe de meu Deus, prosternada humildemente a vossos pés, eu vos peço, muito humildemente, perdão pelo que eu deixei toda minha vida de vos prestar, e à humildade sagrada de Jesus vosso caro filho, a honra e o amor que eu devia. Não me rejeiteis, por favor, como eu mereço; mas pela graça, por vossa caridade habitual, esquecendo minhas faltas recebi a declaração que eu faço, que vós sois o verdadeiro refúgio dos pecadores; e como tal, oh muito santa virgem, cheia de confusão como estou, permiti que eu me lance entre os braços de vossa proteção; suplicando-vos de todo meu coração pelo amor que vós tendes a meu salvador e vosso, de querer tomar a conduta de minha vida e de me fazer empregar o resto de meus dias segundo sua vontade."

Em 1623 há indicações de que Monsenhor Camus, seu diretor espiritual, dá-lhe o consolo: é preciso "aceitar a muito amável vontade de Deus, que torna tudo amável, e ver na doença de seu marido uma cruz que devia levar com coragem."

Mesmo assim, toma uma decisão importantíssima: "faz votos de viuvez perpétua. Esses novos votos, ao que parece realizados, podem ser - por nós - considerados preventivos, pois só três anos depois o marido morre. Votos de viuvez perpétua preventivos. Esse parece ter sido um momento crucial na sua vida. Seus escritos, quando se reportam a ele, são angustiados e deprimidos. Entra em crise religiosa e tem dúvidas sobre a imortalidade da alma, vida eterna e coisas que podem ser tomadas, em uma visão superficial, tanto como conseqüências dessa depressão, como sintomas de uma rebeldia que de alguma forma se manifestará na própria criação da Companhia.

"No dia de Pentecostes, estando em Saint-Nicolas-des-Champs, durante a santa missa, em um instante, meu espírito foi esclarecido destas dúvidas: eu fui advertida que devia continuar com o meu marido e que viria um tempo no qual eu estaria em condições

de fazer voto de pobreza, castidade e obediência e que eu estaria com pessoas das quais algumas fariam o mesmo (...)"

É nessa fase que entra em sua vida, como diretor espiritual o padre Vincent de Paul.

E como era a vida da Santa, antes de ter-se entregado à Igreja, quando era apenas mãe, esposa? Cuidava da criança, ocupava-se das domésticas, era ciosa da ordem e da limpeza, exigia que se honrasse a Deus "comme il convenait" e suas horas de lazer pertenciam aos infelizes, aos quais dispensava todo cuidado. Sua caridade com os pobres contrastava com sua dureza com ela mesma. Seu corpo era seu único inimigo: ódios, cilícios, disciplina rigorosa, jejuns, vigílias noturnas - tudo era bom para domá-lo. Longe dela o pensamento de enfeitá-lo para embelezá-lo; ela se vestia com modéstia e simplicidade. Dizia NÃO às distrações do mundo - esse mundo tão perigoso, do qual a Igreja afasta os religiosos, as religiosas e os jovens internos em colégios que dirige -) preferia as orações e os retiros e nutria avidez por coisas espirituais. Segundo Calvet, M. Vicent, que se tornara seu diretor espiritual, desempenhava o papel de moderador para acalmar um ardor excessivo, muito excitado; ele impunha as pausas. Essa relação é, como outras entre homens e mulheres que foram tornados santos e santas (ninguém é santo ou santa: é-se tornado, tornada santo, santa), de muito erotismo. Sem funcionar no plano propriamente sexual (até onde se sabe, pelo menos) os jogos de excitação e pausas, as correspondências e as formas de tratamento entre eles se tecem de maneira inconfundivelmente erótica.

Sua Criação: a Companhia

O que seria mais importante que se dissesse da criação dessa Companhia? Talvez repetindo o Dicionário de Hélyot:

"A confraria das Filhas da Caridade nasceu em Paris, 29 de novembro de 1633 na Paróquia de St Nicholas du Chardonnet, na casa de Louise de Marillac, no lugar em que hoje é o número 21 da rua Monge. St Vincent de Paul proclama que a humildade, a caridade e a simplicidade são três faculdades da pequena companhia".

Mas não seria fácil, nessa conjuntura de fatores e de situações sociais, criar uma congregação que bem se desincumbisse de seus propósitos e passasse ao largo das "coqueteries" e vida mundana ou muito fechada que caracterizavam os conventos femininos de então, e que efetivamente nada tinham em comum, até mesmo com as características pessoais e de prática religiosa dos dois (amigos?) fundadores que já trocavam correspondência sobre como poderia ser uma

obra que fugisse a essas características acima descritas. Houve uma saída que imprimiu a marca definitiva à Congregação: as irmãs manteriam suas roupas, simples como as das camponesas que ajudavam no trabalho da caridade, a cornete, - característica das vicentinas, nesse tempo muito mais sóbria, também parte da herança camponesa da congregação - e não fariam votos perpétuos; nem véu, nem grade. De seu vocabulário seriam excluídas as palavras em uso entre as religiosas: as superiores não seriam chamadas mães - isso mais tarde mudou; - dir-se-ia Casa ao invés de Convento; os meses de formação seriam como os do seminário e não os do noviciado. E nada de missa especial, a ela iriam com os paroquianos, nas igrejas ou capelas dos bairros ou cidades onde trabalhavam.

A partir de julho de 1634, para consolidar - e, nesse momento formar - vocações, atitudes, hábitos, comportamentos, pensamentos e discursos, o Fundador fazia Conferências semanais sobre aqueles com quem iriam lidar: pobres, doentes e "enfants trouvés"¹⁰. Sobre os exercícios do dia, sobre as regras comuns e particulares, sobre as virtudes cristãs e as que constituem o espírito da Companhia: simplicidade, caridade, humildade e amor ao trabalho; sobre a prática dos sacramentos: confissão e comunhão. Os escândalos, as tentações do desejo. As conferências eram assistidas por muitas, pois os avisos de que elas aconteceriam, dia e hora e o tema eram distribuídos até nos arredores de Paris. O primeiro método adotado foi: uma oração, o início da conferência; as irmãs faziam perguntas, observações e se humilhavam diante de seus pecados. Mais tarde outro foi adotado:

... é melhor mudar de método, para tornar mais fácil a compreensão das coisas que lhes serão ensinadas e isto vos servirá bastante para orar. Eu vos falarei por interrogações, como se faz no catecismo.

Para evitar que as tímidas e menos preparadas repetissem sempre o que as outras diziam, Saint Vincent aconselhou-as a escrever suas idéias e fazer a leitura depois, mas as irmãs mais embaraçadas eram justamente aquelas que não sabiam escrever. Era preciso ensinar.

Trabalhos de caridade e de educação: pobres coitadas e boas

A primeira mulher, das que viriam a entrar para a Companhia, a se preocupar com questões de alfabetização e edu-

10 Em português seria criança abandonada? ou criança achada? a língua explicita nesse momento um sentimento e uma política da sociedade em relação a eles, cá e lá?

11 Esses dados estão em P. Coste, que trabalhou e re-trabalhou em extensa obra (14 volumes) a correspondência, as conferências, os sermões etc de Vincent de Paul. COSTE, Pierre. SVP Correspondance, entretiens, documents. Paris Gabalda, 1920-1925 14 Vol. in 9ª

cação, foi Marguerite Naseau. Primeiro com a dela mesma, depois com a de muitos outros e outras. Conta a lenda que essa modesta vaqueira saiu a perguntar aos padres e às pessoas com quem se encontrava, nos caminhos do campo, como ler aquilo que sempre carregava consigo: letras, cartilhas, abecedário, catecismos... o que foi aprendendo foi ensinando a outras mulheres. Vincent de Paul assim se refere a ela:

Uma boa vaqueira sem instrução, uma boa filha da aldeia, uma boa filha dos campos, uma boa filha de Suresnes, uma pobre filha de aldeia.

Em 1642, nove anos depois de sua morte, uma das conferências foi a ela dedicada¹¹.

Marguerite Naseau de Suresnes foi a primeira irmã que teve a felicidade de mostrar o caminho aos outros tanto ensinando às moças, quanto assistindo aos pobres doentes, ainda que não tenha tido outro mestre senão Deus. Movida por uma forte inspiração do céu, ela decidiu instruir a juventude, comprou um alfabeto e não podendo ir, ela mesma à escola para aprender, solicitou ao senhor cura ou vigário de lhe dizer que letras eram aquelas quatro primeiras e assim com todo o resto. Depois, enquanto tomava conta das vacas, ela estudava sua lição. Se ela visse alguém passando que tivesse o ar de saber ler, pedia: Senhor, como se pronuncia esta palavra?

Ela vagava dia e noite para instruir não apenas as meninas menores mas também as grandes... Ela ensinou algumas pessoas jovens que não tinham os meios, os alimentava e os encorajava para o serviço de Deus e esses jovens são agora bons padres (...) Quanto mais ela trabalhava pela instrução dos jovens, mais seus vizinhos aldeãos se riam dela e a caluniavam.. Mas isso tornava sua dedicação cada vez mais ardente.

Pobre, coitada e boa: as qualidades destacadas da primeira professora da Companhia. Mesmo assim, alvo de zombarias. Outras qualidades e professoras viriam. Ao lado de "servantes de pauvres malades" (servas de pobres doentes) elas iriam, daí para frente "soigner les enfants trouvés" (cuidar das crianças abandonadas). Vários textos do Fundador e outros da Fundadora mostram essa dupla tarefa.

Ensinar as meninas... este é um dos dois desígnios pelos quais vos entregais a Deus: o serviço dos pobres doentes e a instrução da juventude e isso principalmente nos campos.

Eu vos peço, cada uma por sua vez, que ela e vós mantenham a escola, fazendo aquilo que é necessário à casa, enquanto a outra cuidará dos doentes fora.

Louise de Marillac pedia às autoridades autorização para abrir escolas:

A M. des Roches, Chantre de Notre Dame de Paris, suplica muita humildemente Louise de Marillac, viúva de M. Le Gras, secretário da rainha, mãe do rei, informando que o grande número de pobres que estão no Faubourg de Saint Denis, lhe fez desejar se ocupar de sua instrução; se as pobres meninas permanecerem em sua ignorância, é perigoso que essa lhes cause malícia que as torne incapazes de cooperar com a graça de sua salvação...

Permissão concedida, segundo os usos da época, era afixado um aviso com a seguinte inscrição:

Aqui mantem-se escolas
Louise de Marillac
Professora

que ensina à juventude o serviço (divino), a ler, a escrever, e a formar as primeiras letras, a gramática.

Companhia de mulheres

Ao lado desse caráter propriamente religioso e pedagógico, duas características chamam atenção, sobretudo se comparadas ao funcionamento de outras ordens ou congregações femininas no século XVII. Na verdade, duas questões, que requereram habilidade na sua resolução. Uma delas a da unidade de Congregação, que deveria ser mantida onde quer que seus membros estivessem e a outra, a liberdade para exercer a caridade, que implicava a possibilidade de ir e vir.

A primeira questão foi resolvida em seus estatutos definindo a subordinação das Filhas de Caridade ao Superior dos Padres da Missão e não ao Bispo da localidade onde a casa fosse erigida. Essa foi uma das razões da forte contenda, passada a fase mais anti-religiosa da Revolução Francesa, quando foi extinta, entre Napoleão I - que desejava que essa vinculação fosse feita - e a Congregação.

Tal medida permitiu e garantiu que, por exemplo, a pedagogia criada e implementada no grande centro, também o fosse nas periferias.

A segunda questão é interessante. Abstenho-me de fazer aqui uma digressão sobre a situação da mulher e da religiosa no Grande Século - sobre esses pontos especificamente C. Dulong (1984) e G. Reynes (1987)¹² por exemplo, o fazem - mas é impossível deixar de destacar o quanto essa solução, entre o laicato e a vida religiosa canônica, para a formação de uma congregação, foi uma solução inovadora.

É certo que o movimento da fé e da caridade seriam fortes o bastante para justificar a participação predominantemente feminina nas obras de caridade, no entanto, embora fossem condição necessária, não eram suficientes para explicar. Na verdade o campo da caridade era o único no qual as mulheres puderam - força de expressão - reinar. Nele elas achavam "uma saída para suas energias e suas qualidades mal empregadas". Natalie Davis transcreve o ditado largamente difundido no início da época moderna: "Une beste imparfaicte, sans foi, sans loy, sans crainte, sans constance"(s/d), que revela todo o desregramento de que se revestiam as mulheres aos olhos do mundo, isto é, dos homens. Esse desregramento estaria fundado na fisiologia, na sua constituição anatômica e fisiológica. "...o sexo feminino era formado por humores frios e úmidos (o masculino era seco e quente) e frialdade e umidade indicavam um temperamento instável, enganoso e falso. Seu ventre, como um animal faminto, quando não era muito bem alimentado pelas relações sexuais ou pela prole, podia sair a vagar pelo corpo, dominando sua fala e sua razão. Se a Virgem Maria estava livre de tal fraqueza, é porque era o caso sagrado do Senhor. (...) Quais eram os remédios propostos para as desordens femininas? Treinamento religioso para emparelhar as rédeas da modéstia e da humildade; educação seletiva para mostrar à mulher sua obrigação moral sem inflamar sua imaginação indisciplinada ou soltar sua língua em público; trabalho honesto para ocupar suas mãos e leis e normas que a sujeitassem a seu marido."

Vale a pena recordar aqui o Abecedário Moral do Mes-
tre Trancoso, para as mulheres de Portugal (Mattos, 1958)

- A - quer dizer que seja amiga da sua casa
- B - benquista da vizinhança
- C - caridade com os pobres
- D - devota da Virgem
- E - entendida no seu ofício
- F - firme fé
- G - guardadeira de sua fazenda
- H - humilde a seu marido
- I - inimiga da mexericos
- L - leal
- M - mansa
- N - nobre
- O - onesta

12 Conferir também História da Vida Privada e ainda "Stoire dele Donne", org. por Georges Dutu e Michelle Perrot. Ed. Laterza.

- P - prudente
- Q - quieta
- R - regrada
- S - sizada
- T - trabalhadeira
- V - virtuosa
- X - xã
- Z - zelosa da honra

De poucas maneiras eram consideradas as mulheres. Por essa razão também, o protestantismo teve tanta acolhida entre elas, a ele aderindo teriam acesso a um tipo de cultura e de saber, e mesmo de fala, até então reservado aos homens, apesar do que Lutero dizia:

"Ainda que não houvesse alma, ou céu, nem inferno, seria necessário haver escolas para a segurança dos negócios deste mundo, como a história dos gregos e romanos claramente nos ensina. O mundo tem necessidade de homens e mulheres educados, para que os homens possam governar o país acertadamente e para que as mulheres possam criar convenientemente seus filhos, dirigir os seus criados e os negócios domésticos."

No trabalho da caridade elas achariam "uma saída para suas energias e suas qualidades mal empregadas", pois para ele era preciso senso prático, inteligência, perseverança, seriedade, além de honestidade e probidade. O próprio Vincent de Paul se expressa com confiança da capacidade de lidar com o dinheiro: "Eu posso dar o testemunho do quanto elas se empenham em cuidado e fidelidade."

A companhia tinha como superior um homem, que coordenava os trabalhos espirituais e de religião, mas o cotidiano era levado e sustentado pelas mulheres. Além disso coisa insólita nesses tempos essas mulheres tinham toda liberdade de ir e vir. Não é menor isso, em uma sociedade que identificava a mulher a uma criança que deveria ser tutelada pelo pai ou pelo marido, tamanho o grau de imbecilidade considerada inerente à sua natureza. Na própria vida de Louise isso acontece em, pelo menos dois momentos. Não está claro que os Fundadores considerassem essas mulheres diferentes das outras e inúmeras vezes nos deparamos nos textos de Vincent de Paul e sobretudo nos de Louise com expressões tais como: "vós sois inseguras" ou "nós somos

incapazes, fracas, débeis" etc. Entre eles a idéia de debilidade feminina era a mesma da sociedade em geral. Mas é inegável o quanto houve de ousadia.¹³ Essa liberdade, era exercida não só dentro da cidade, indo aos bairros mais distantes, atendendo chamados e informações de que havia gente doente, entrando nas casas das pessoas, circulando onde fosse preciso, mas também fora de Paris, indo para fora da França e fazendo longas viagens dentro do país. É admirável o relato que Louise faz de uma viagem a Nantes, que dura dez dias e exige contatos para pernoite e alimentação junto a pessoas completamente estranhas.

Esses relatos são também manuais de comportamento para aquelas outras que depois deveriam fazer viagens semelhantes. Isso choca e muitas vezes causa reação nas autoridades civis e eclesiásticas das localidades que não querem interferência no seu trabalho e muito estranham aquelas religiosas sem hábitos apenas com a "cornette", que ao longo dos tempos iria crescer cada vez mais sem silêncios excessivos, e sobretudo, sem clausura, andando de cá pra lá com toda a desenvoltura... de um homem.

Confirmando educação e missão

Em várias paróquias, dentro e fora de Paris, elas foram se instalando. Y. Guellier (1979) fez bastante bem esse levantamento. Fora da França, na Polônia, a pedido da Rainha; em Madagascar, a pedido dos Padres da Missão, em 1650, projeto não realizado:

Eu só saberia dizer moças, mas era preciso que fossem viúvas ou "filles de France", mas ainda assim seria um embaraço para nós, pois vós conheceis o importunismo desse sexo. Irmãs de caridade, bem fundadas na virtudes seriam adequadas, mas seria preciso que elas não se hospedassem conosco, "ne crederentur uxeres sacerdotum" (a fim de que elas não passem por esposas dos padres) por essa gente desconfiada e pelos franceses... Mas é bem necessário instruir e contribuir para reprimir a libertinagem e a luxúria ensinando o pudor às moças e meninas que por todos os lugares afrontam com sua juventude, tanto ou mais que os meninos.

Esperando exatamente 200 anos ouviremos outro lazarista, Dom Viçoso, dizer quase as mesmas palavras ao chamar as Filhas da Caridade para Mariana, Minas Gerais, Brasil, em 1848. Em 1819 um grupo de senhoras devotas portuguesas vão pedir autorização e conseguir a instalação delas em Lisboa para cuidar dos pobres e dar instrução às meninas. Nesse espírito missionário é que também partem para a Polônia, ainda no século XVII, e depois para a Turquia, Espanha, e outros países da Europa.

13 É certo que ausência de clausura essa "certa liberdade de que falo não significam ausência de disciplina, coisa que, de resto é largamente apontada em todos os textos transcritos na Tese.

Para a aventura que ainda representa a América do Sul, - o Brasil - como já foi dito, partem no século XIX¹⁴.

PARTI, MINHAS IRMÃS, PARTI... LEVAI
NUMA DAS MÃOS O ARCHOTE DA FÉ E
NA OUTRA, AS CHAMAS DA CARIDADE!
PARTI!¹⁵

Religião no século XIX

Sem dúvida nenhuma, a forma que teve a Companhia desde a sua criação garantiu a sua resistência à destruição que a Revolução Francesa promoveu às abadias, aos conventos, aos mosteiros. No século XIX o Império vai discretamente, mas eficazmente, refazendo o quadro. A Igreja considera inquieta e situação religiosa no campo e entre o proletariado operário. Entre a alta burguesia pratica-se a religião por uma espécie de imitação à nobreza, que fez isso em algum momento, e ainda para reforçar a própria Igreja naquilo que ela poderia representar como salvaguarda social (o fracasso de Duruy¹⁶, na sua tentativa de implantação do ensino leigo para meninas, é prova disso). Mas será uma sociedade mais clerical que crente, em que a religião será mais apreciada e praticada como forma de controle dos "outros" que de si mesmo.

14 E aí faz-se necessário darmos um salto sobre o século XXVIII, salto que não omite o que então se deu, pois que ao pousar pés no XIX, pretende-se estar incorporando-o ainda que enquanto processado histórico e não mais enquanto o processo.

15 Palavras proferidas pelo Superior da Companhia quando vieram para o Brasil. (De um documento do Colégio da Providência MG)

16 Victor Duruy, historiador e político francês (1811-1894). Nomeado ministro da instrução pública por Napoleão III, contribuiu para reformas liberais.

17 Impossível deixar de comentar esse livro, intitulado "Le Catholicismo au féminin". Apresentado como Tese na Universidade de Paris X, Nanterre, em 1983, o livro surpreende o pesquisador brasileiro. Segundo o autor o trabalho nasceu de uma irritação, de um espanto e de uma pergunta sobre a questão dos efetivos das congregações femininas no século XIX. Dado o fato, isto é, a constatação da feminização do catolicismo no século XIX, como não tentar verificar suas manifestações, pesquisar suas causas e medir seus efeitos? Diante dessas questões o autor fez um trabalho iminentemente quantitativo para o qual consultou milhares de obras: regras, biografias, notícias em jornais, revistas, monografias, brochuras de propaganda, memórias, desde manuais de direito eclesiástico até os clássicos do anticlericalismo, passando por hagiografias e testemunhos literários, e ainda vasto material iconográfico, fotográfico, dicionário de guias da religião, de teologia ou espiritualidade e ainda censos e levantamentos demográficos. Seus objetivos explicitados na Introdução, de inventariar, descrever, repertoriar, sempre tentando compreender o como e o porque são atingidos. Além disso, atitude rara entre trabalhos acadêmicos, todas as fontes, bibliografia, documentação, tabelas, índices remissivos estão citados na parte final do livro, rigorosamente classificadas. Confesso minha dívida com esse trabalho, pois sem ele teria sido impossível penetrar no mundo dessas referências tão distantes para uma historiadora de educação brasileira ou mais simplesmente, uma brasileira, historiadora da educação.

O papel desempenhado particularmente pelas Filhas da Caridade no tratamento de pobres e doentes e também a acolhida aos "enfants trouvés" e às meninas do povo, fizeram com que saíssem quase fortalecidas desse embate. Já o Recenseamento de 1808 citado por Claude Langloise¹⁷, mostra as Filhas da Caridade com 274 casas. 1532 irmãs, 121 noviças. Mas de uma maneira geral, o número de congregações femininas cresce de maneira fantástica entre 1808 e 1880: serão 450 no fim desse período.

Uma certa feminização da devoção deve muito ao crescimento do culto mariano. E este se popularizou largamente devido às aparições da Virgem a mulheres, mas também à gente do povo, pastores e crianças. Entre as mulheres, Cathérine Labouré, - que instaura o culto e propicia a difusão da medalha milagrosa, mas permanece escondida até sua morte sob o hábito anônimo de uma Filha da Caridade e Bernadette Soubirous, mensageira pública da Imaculada Conceição, logo protegida, dela mesma e dos outros, pelo hábito religioso das Souers de Nevers.

A figura de Maria, mulher, virgem e mãe, mediadora entre o Céu e os homens, metáfora da Igreja, domina a história da devoção desse século; as práticas de devoção, a proclamação de um novo dogma, o da Imaculada Conceição, pelo papa Pio IX a 8 de dezembro de 1854, esse conjunto de manifestações e aparições (são mais de 21 na segunda metade do século) vão estar no centro da vida espiritual dos católicos. Para além do fenômeno espetacular das aparições, o culto mariano tem outros desdobramentos, apesar das contestações ou das exaltações. Um deles é o lugar que Maria enquanto mulher ocupará no imaginário de homens e mulheres, em meio ao feminismo que se expressa de maneira mais forte e combativa. O século XIX vai ver os homens se afastando da Igreja (ou trocando-a pelos negócios), mas as mulheres, no seu conjunto pelo menos, permanecem fiéis. A Igreja oferece a todos, a partir de agora, Maria, modelo de mulher, virgem pura, mãe devotada. O culto vai desenvolver um imaginário da "sagrada família" católica, centrada na infância e na maternidade, em que o papel da mãe vai ser cada vez mais idealizado, e em que a sexualidade permanece sempre suspeita de pecado.

É ainda o culto mariano que vai contribuir para fixar uma certa imagem de mulher, em larga margem criada e difundida pela burguesia, para a qual ela só existe no interior da família. A decorrência disso para a educação será imediata. Desde o século XVII, mães espirituais, amor, caridade, ensino, devoção, abnegação, missão, estão ligados. Já então a própria Companhia das Filhas da Caridade elegera a Santa Virgem sua grande mãe e protetora, como mostram os textos de Louise. O movimento religioso do século XIX, ao lado do movimento econômico e político decorrentes, reafirmam o lugar da mulher na educação. Professora, sim, mas sem

deixar de fazer da profissão uma extensão dos seus deveres maternos que repete o modelo de mulher-imaculada proposto pela Igreja e que ao ser modelo ela mesma (o mais próximo do original) cria as possibilidades de novos modelos serem criados. É uma teia complicada, mas de quase perfeita tessitura... até as "traviattas", as das óperas ou as da vida real ajudam a compô-la.

A missão educadora e a Igreja em Minas Gerais

São vários os aspectos que devem ser considerados ao se falar da vinda das Filhas da Caridade para Minas Gerais em 1849. Já disse que o convite (apelo? chamada? convocação?) para que viessem para Minas foi por Dom Viçoso. Sobre ele é indispensável ler-se a tese de Maurílio Camello (1986).

"... o bispo lazarista já não tinha os interesses especulativos e científicos de seus antecessores no sólio episcopal, homens como Dom Frei Cipriano de São José, que assimilaram a ilustração do século XVIII, trazendo para Minas a demonstração de seu interesse não apenas pelo saber eclesiástico, através dos clássicos da Patrística e da Idade Média, mas também pelo que a Modernidade produzia em termos de ciências físico-biológicas e políticas. É o que se pode constatar ainda hoje na biblioteca episcopal de Mariana, felizmente conservada. A livraria que Dom Viçoso leva para Mariana é bem a de um pastor tridentino, inspirado por condutores de almas como S. Francisco de Sales, S. Vicente de Paulo, Santo Afonso de Ligório e pouco interessado pelos cânone da botânica e da química.

Sobre a situação dos padres e da religião, contraditórias e partidárias são as versões. Aubert, descrevendo a situação da Igreja Católica na América entre 1846 e 1878, conta:

"...a quase totalidade da população aí é nominalmente católica e muitas das constituições até reconhecem o catolicismo como religião do Estado. Mas a realidade é profundamente desconcertante. A grande massa de mestiços e de descendentes dos colonizadores parece mais supersticiosa que cristã... A responsabilidade pode ser atribuída às más condições de vida, mas também ao insuficiente quadro do clero. Primeiramente uma insuficiência numérica... Grandes contingentes de cristãos se encontram assim impossibilitados de receber os ensinamentos da doutrina cristã, de frequentar o culto e de receber os sacramentos. Essa escassez de recursos espirituais regulares é particularmente nefasta numa sociedade

em constante renovação, que não sustenta as sólidas tradições morais ou sociais. Esses padres, já pouco numerosos, carecem de devoção, fervor, e de uma maneira geral levam uma vida bastante relaxada. (Aubert, 1952)

Sobre esse ponto Waldemar de A. Barbosa 1979 historiador da velha escola mineira, faz um resumo das posições que reafirmam, uma, esse aspecto da vida dissoluta e aventureira, quase clandestina, porque delituosa, dos padres no século XVIII em Minas Gerais, e outra que busca "fazer justiça" a esses "verdadeiros heróis capazes de todos os sacrifícios." Em João Camilo de Oliveira Torres, também há referência à mundanização do clero", devido ao regime de Padroado que permitia ao estado brasileiro nomear para cargos eclesiásticos e à situação de "turbulência" nas Minas do século XVIII: "tudo ajudava a fazer do clero mineiro naqueles tempos um corpo terrivelmente doente. "O Bispo Dom Silvério, o biógrafo de Dom Viçoso, tempos depois, diz claramente: sic populus sic sacerdos, (de tal povo, tais sacerdotes), lembrando Pio IX. Dom Viçoso insere-se, por suas qualidades já citadas, num movimento que pretendia exatamente a Reforma dessa situação, que Hugo Fragoço bem descreve:

Da atuação do episcopado brasileiro nesse período merece destaque especial o que se poderia chamar de movimento de "reforma". Aliás, o esforço para fazer valer na Igreja do Brasil os princípios do Concílio de Trento é mesmo a característica principal da atuação do nosso episcopado no Segundo Império. O movimento de Reforma teve como principais promotores uma série de figuras de grandes bispos. Mas estes bispos encontraram, é bem verdade, colaboração valiosíssima nos lazaristas e capuchinos, de modo especial, juntamente com novos institutos religiosos femininos então advindos ao Brasil (Fragoso, 1980)

A primeira carta pastoral de Dom Viçoso, escrita no dia de sua sagração no Rio de Janeiro, em 1844, revela a perspectiva de sua política tridentina e mostra a grande importância que será dada à modificação de hábitos e comportamentos. Estava em jogo a moralização do clero e da sociedade.

Que resta senão que nós outros que estamos constituídos luzes do mundo e sal da terra cooperemos como o Divino Pastor, e sirvamos a todos de modelo...

A luta era política e também religiosa. Não vou entrar nisso aqui, mas ressalto, concordando com Maurílio Camello

lo, que o caráter pedagógico dessa reforma - seja ele expresso em sermões e na forma de fazê-los, seja na reforma do Seminário de Mariana ou na Fundação de colégios femininos - e o distanciamento do mundo são pontos de grande destaque da ação de Dom Viçoso em Minas. "... o distaciamento do mundo era a mensagem mais essencial da reforma, traços integrantes do novo perfil do padre. numa forte acentuação do projeto tridentino." E o jansenismo e o Concílio já tinham dois séculos... lá na Europa.¹⁸

A missão educadora em Minas Gerais

Foi assim que o Bispo Lazarista pretendeu atender ao caráter pedagógico dessa reforma, chamando, como tantas vezes já havia acontecido em outros lugares, as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Já se sabia o papel restaurador da ordem que as mulheres podiam desempenhar. Era preciso educar as daqui, que se prestavam a ser mulheres de padres e que se expunham à prostituição. Na Maison Mre, nos Regulamentos, a ordem sempre fora a missão. Ir onde se fazia necessário. Vieram "Parti, minhas Irmãs, parti. Levai numa das mãos o archote da Fé e na outra as chamas da Caridade". Assim se inicia a, naturalmente difícil, travessia de Oceano; houve ainda a travessia da Serra do Mar e da Serra da Mantiqueira em lombo de burro (isto é largamente relatado em todas anotações ou Revistas da Companhia ou da Cúria) e a dificuldade de se comunicar por causa da língua.

Mais forte do que tudo isso foi a ausência de alunas. Segundo se conta, os pais não queriam colocar suas filhas em escolas, para que não aprendessem a ler e a escrever e pudessem assim mantê-las afastadas de um dos maiores

perigos do mundo que era o mesmo o casamento, sem prévia escolha ou consentimento. "... para que não escrevessem aos namorados..."

Ciosas de sua responsabilidade para com a sociedade local e afinadas com a política contra-reformista de D. Viçoso, as vicentinas, durante muitos anos, manteriam o regime de internato do Colégio, coadjuvante importante nesse distanciamento do mundo imposto às moças e meninas que aí eram "colocadas". Dom Viçoso deu-lhes a sua casa para servir de recolhimento de orfãs e outra vizinha para enfermos e velhas... "No princípio as religiosas francesas não foram aceitas por parte das famílias brasileiras e quase não tinham onde exercer a caridade, conforme o seu instituto. Nem as pobres queriam entregar-lhes suas filhas escreve Dom Silvério nem as doentes utilizar-se de seus maternais cuidados..."¹⁹.

Motivo de orgulho, para elas e para a cidade, foi a visita que o Imperador Pedro II e a Imperatriz fizeram ao Colégio em 1881, conforme relato de 1882 dos Annales de la Mission. "... Enfim a hora da visita imperial é anunciada às Filhas da Caridade. Elas desejavam e temiam essa honrosa visita. Reconheciam-se tão impróprias para receber um imperador e uma imperatriz..." (Elas continuavam a se dizer frágeis e impróprias.) Através da descrição dessa festa, já que nos faltam documentos,²⁰ pode-se imaginar o espaço físico em que estão instaladas: capela, sala de visitas, salas de aula, dormitórios, hospitais, sala das órfãs, sala da Comunidade. As festas promovidas pelo Colégio sempre atraíram a cidade e tiveram um papel importante na formação de uma imagem que dele fizeram. Até hoje, em agosto, a cidade se prepara para receber os muitos ônibus que chegam com ex-alunas vindas de diferentes, e às vezes distantes, pontos do País.

É interessante escutar o que cem anos mais tarde vai dizer a cidade que as acolheu inicialmente com tanta descon-fiança. O texto é extraído de O Germinal, de 31 de outubro de 1949, jornal de Mariana fundado em 1905. Na primeira página duas manchetes: "Grandiosas Comemorações do Centenário da Casa da Providência" e "Mensagem Episcopal do Centenário da chegada das Irmãs de Caridade no Brasil".

"Com efeito, do estabelecimento das Irmãs de Caridade neste burgo decorreu o se abrir, na imensidade da então inculta terra mineira, o ciclo luminoso que como chama viva e avassaladora se alastrou a todo Brasil, obra extraordinária, do trabalho fecundo das altruístas missionárias Francezas e de suas não menos operosas sucessoras, sempre dedicadas ao culto do Bem, pela religião e pela Pátria. Sobram, por isso mesmo, motivos para que a veneranda Mariana se tenha orgulhado com a primazia de em seu regaço se haverem plasmado os primeiros laivos de cultura e formação cristã. De fato aí está a benemérita Casa

18 Também não é descartável a questão das irmandades leigas em Minas Gerais. Apesar do importante trabalho de Caio Boschi (Os leigos e o Poder. SP, Ática, 1986), resta uma lacuna que diz respeito às formas de educação que aí se processaram e sua relação com outras formas e com a sociedade "educada" de uma maneira geral, seja do ponto de vista antropológico, seja do ponto de vista histórico.

19 Em outros lugares, como na Bahia, para onde foram chamadas em 1853, as dificuldades foram ainda maiores. É ainda Riolando Azzi quem conta: "A 28 de fevereiro de 1858 houve uma revolta contra as atividades das irmãs e suas casas foram invadidas... acusadas de jesuitismo..."

20 Essa parte da pesquisa continua em falta de documentos e, portanto, de novidades. Devo reconhecer que quando estive em Paris e que a Maison Mre das Vicentinas ali estava, bem à mão, na rue du Bac, onde estava instalada desde o século XIX, alimentei a ilusão de que poderia obter informações que me permitissem avançar nessa parte da pesquisa. Pensei que teria acesso aos arquivos ah! o fetiche do arquivo para o historiador... e sobretudo Biblioteca. Interessava-me sobremaneira saber o que é que se lia... No entanto meu desaponto foi grande. Confirmado mais tarde por Claude Langlo, pude constatar que as vicentinas não abrem seus arquivos e Manuel... que considero um dos mais valiosos documentos desse meu trabalho e que deve ser muito mais explorado em outros, consegui arduamente das mãos de um velho Fre, de quem terei uma boa lembrança e a quem continuo muito grata.

da Providência, que é um atestado eloquente do que podem a tenacidade, o desprendimento, o espírito de sacrifício educando e instruindo no Colégio, assistindo a miséria e a dor no Hospital, amparando e alimentando os que mal se iniciam na vida no Lactário, agasalhando a velhice desamparada no Asilo e na Vila dos Pobres, enfim tudo socorrendo onde clama o infortúnio. E a vetusta cidade, que com razão se ufana de haver sido a primeira a acolher, na vasta amplidão do Brasil, as Irmãs de Caridade, oriundas da França imortal e guarda avaramente as cinzas do Santo D. Viçoso, soube com felicidade honrar as suas tradições, na grandeza das manifestações espontâneas de reconhecimento e impercível gratidão. (...) São insuficientes as expressões de que

é capaz a linguagem humana, para descrever o que houve de deslumbrante ao ensejo da comemoração centenária, pois, mais do que as palavras, falaram os sentimentos, brotados do coração da gente mariense, frequente a todos os atos civico-religioso, presididos por S. Excia Revma. D. Helvécio Gomes de Oliveira, com justiça cognominado o nune tutelar das comemorações grandiosas e um dos marcos impercíveis do luminoso itinerário das denodadas Vicentinas, de que foi o primeiro luzeiro o pio Lazzarista D. Viçoso."

Assim tudo começou, assim tudo se cruzou. Assim vieram, assim ficaram. Foram formadas, formaram...

Preciso dizer? Digo: esta história continua.

BIBLIOGRAFIA

- AUBERT, R. Le Pontificat de Pie IX (1846-1878). Bloud & Gay. 1952. (Historie de l'eglise depuis les origines jusqu'a nos Jours v. 21 p. 445)
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. História de Minas. Belo Horizonte. Comunicação, 1979. 23 v.
- CALVET, J. Sainte Louse de Marillac par elle même. Portrait. Paris, Téqui, 1958.
- CAMELLO, Murilio Jose de O. Dom Antonio Ferreira Viçoso e a Reforma do Clero em Minas Gerais no século XIX. (Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de Doutor). São Paulo, 1986. 529 p.
- CHATELLIER. Louis L'Europe des Devote. Paris. Flammarion. 1987.
- DAVIS, N. Culturas do povo. (um animal imperfeito sem lei, sem temor, sem constância).
- DAVIS, N. Zemon. Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1990.
- DULONG, Claude. La Vie Quotidienne des Femmes au Grand Sicile. Paris, Hachette, 1984.
- FRAGOSO, Hugo. A Igreja na formação do estado liberal (1840 - 1875) (História da Igreja no Brasil. tomo II/2 Coordenador José Oscar Beozzo) Petrópolis, Vozes, 1980 (p. 184)
- GUELLIER, Yvette. Ceans on tient petites écoles. Contribution a l'histoire de l'nsruction Chrétienne et de L'éducation au temps de Saint Vicent de Paul et de Sainte Louise de Marillac. 1630-1660. Angers, ISPC, 1979 (mimeo)
- HELLOT DICTIONNAIRE des ordres Religieux ou Histoire des Ordres monastiques religieux et militaires, et des congregations seculières de l'Un et de l'autres sexes, Paris, Aux Ateliers Catholiques Du Petit-Montrouge, 1847.
- LEDOCHOWSKA, Teresa OSU. Angela Merici e a Companhia de Santa Úrsula à luz de documentos. Uma educadora e uma apostolado da Reforma Pré-Tridentina. s.e. 1972
- MATTOS, Luiz Alves de. Primórdios da educação no Brasil: o período do heróico 1549 a 1570. Rio de Janeiro, Aurora, 1958. 306 p.
- REYNES, Genevieve. Convents des Femmes. La vie des religieuses cloitrées dans la France des XVII et XVIII e siecles. Paris, Fayard. 1987.